

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PRODEP/UFMG – Cáritas Brasileira

Projeto Democracia Participativa & Cáritas Brasileira

Curso Movimentos Sociais, Organizações Populares e Democracia Participativa.

Monografia.

Orientadora: Marilene Maia.

Aluna: Raquel Pulita.

Trilha Cidadã: educação popular e sensibilidade – refundando as suas trilhas.

São Leopoldo, 15 de março de 2008.

SUMÁRIO

Introdução	03
Capítulo 1 – As realidades das juventudes e as novas trilhas para a Trilha	06
Capítulo 2 – A ONG Trilha Cidadã	20
2.1 Histórico.....	20
2.2 Projetos desenvolvidos pela Trilha Cidadã	26
2.3 Gestão social	29
Capítulo 3 – A Educação Popular e Sensibilidade	31
3.1 Educação Popular	31
3.2 Sensibilidade	33
Conclusão	35
Bibliografia	37

INTRODUÇÃO

A monografia “Trilha Cidadã: educação popular e sensibilidade – refundando as suas trilhas” está sendo apresentada como requisito do Curso de Especialização em Movimentos Sociais, Organizações Populares e Democracia Participativa.

A sistematização resulta de um processo experimentado junto à ONG Trilha Cidadã a partir de uma análise reflexiva sobre sua gestão, e a partir dos referenciais da educação popular¹. Tal experiência é construída do nosso lugar e fazer de comunicadora, educadora social e pastoralista em Organizações Não-Governamentais e Pastorais Sociais, no Rio Grande do Sul, há mais 10 anos.

Pretendemos analisar também o processo de sensibilidade implicada nas ações propostas pela organização aos jovens e educadores/as partindo da reflexão de experiências vividas nas atividades desenvolvidas por essa organização.

O estudo se inscreve na discussão maior da atuação da sociedade civil², considerando o processo de reestruturação do modelo capitalista, orientado no

¹ A compreensão de educação popular parte do conceito de Paulo Freire (1996, pg. 24 e 25). “(...) conteúdos cuja compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

² Entendemos por sociedade civil a partir do ideário gramsciano, que a situa entre a estrutura econômica do Estado, com sua legislação e coerção. Sendo assim, o conjunto das associações sindicais, políticas, culturais, etc., geralmente designadas como “privadas” para distingui-las da esfera “pública” do

modelo ideológico neoliberal. Estes fatores influenciam a forma de implementação de políticas públicas, construção e consolidação dos espaços de articulação de instituições e movimentos sociais e o exercício do controle social.

A solidificação da ideologia neoliberal minimiza a responsabilidade do poder público pela execução de políticas e programas sociais, transferindo-a para a sociedade, em particular para Organizações Não-Governamentais - ONGs³ e entidades do chamado Terceiro Setor⁴, sob o argumento da desburocratização destas instituições, maior proximidade com o público alvo e implementação de metodologias inovadoras.

Esta realidade é promotora de inúmeros questionamentos, quando refletidas a partir do enfoque da educação popular, especialmente construída em projetos desenvolvidos com jovens e educadores/as na Trilha Cidadã.

Nossa trajetória de trabalho junto à instituição deu-se em diferentes lugares e práticas. Foi possível atuar numa relação de atendimento direto ao público beneficiário e, também, no exercício de funções de gestão como coordenação de projetos; assessoria a organizações populares e, mais

Estado. Neste sentido, “a filosofia política de Gramsci destaca a importância da sociedade civil para a mudança da sociedade política, num plano onde há táticas e estratégias. A sociedade civil é uma esfera do ser social” GOHN (2005, p.64 e 65).

³ Entendemos ONG como “(...) organizações privadas, com fins públicos, sem fins lucrativos, (...) que objetivam realizar mediações de caráter educacional, político, assessoria técnica, prestação de serviços e apoio material e logístico para populações alvo específicas ou para segmentos da sociedade civil, tendo em vista expandir o poder de participação destas, com o objetivo último de desencadear transformações sociais ao nível micro e macro”. Sherren-Warren (1995, p. 165).

⁴ Terceiro Setor aqui é entendido de acordo com Montañó (1999) como: “conjunto de instituições, ONGs, fundações, etc., que desempenhando funções públicas encontram-se fora do Estado, no espaço de interseção entre este e o mercado, porém, sem declarar fins lucrativos”.

recentemente na gestão pedagógica de projetos governamentais implementados em parceria pela ONG. Isto favoreceu o desenvolvimento de questionamentos sobre a emergência, desenvolvimento, formação e atuação da organização que nos levou ao interesse do aprofundamento do tema aqui proposto.

Definimos como objetivo geral deste trabalho “*refletir a coerência da gestão social da ONG Trilha Cidadã com os pressupostos da educação popular no trabalho com adolescentes e jovens*”. Percorremos para isso o caminho de identificação do processo sócio-histórico da ONG Trilha Cidadã junto aos jovens e adolescentes, trabalhadores e organizações parceiras, procurando conhecer as motivações da ONG e dos seus agentes para atuar com o diferencial da atenção ou da sensibilidade ao público relacionado a sua ação. Procuramos avaliar, igualmente, o impacto das ações da ONG nos cenários e contextos com os quais atua.

Estruturamos o trabalho em três capítulos: 1) As realidades das juventudes e as novas trilhas para a Trilha; 2) A ONG Trilha Cidadã; 3) A Educação Popular e Sensibilidade. No início de cada capítulo apresentamos uma referência do autor que inspira o trabalho que realizamos, reforçando, com isso nosso interesse em centralizar no sujeito, no cidadão. Também usaremos, no decorrer deste trabalho, a 1ª pessoa do plural.

Capítulo 1 – As realidades das juventudes e as novas trilhas para a Trilha.

*“O sonho pelo qual brigo exige que eu me invente em mim
a coragem de lutar ao lado da coragem de amar”.*

(Paulo Freire)

Houve uma atividade realizada pela Trilha Cidadã, que deu origem a esse estudo. A sistematização dela, aqui apresentada, parte da(s) realidade(s) vivida(s) e a elas devem retornar seus resultados. Tornamos presente um dos inúmeros desafios apresentados por Paulo Freire (1990, p. 35): “Para mim, a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses fatos e todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população envolvida.”

Uma pequena história, para começar⁵...

A história que relataremos foi o grande motivo desse trabalho. Haviam outros assuntos que gostaríamos de desenvolver, mas depois dessa vivência, percebemos que era preciso refletir e fazer diferença em outra área. Vejamos.

⁵ Essa história já foi considerada em outro trabalho desse mesmo curso.

“Eu trabalho numa ONG com adolescentes, jovens e educadores dos mesmos. No final do ano de 2006, tivemos um projeto aprovado pela SECAD/MEC para discutirmos com os professores da rede de ensino público e educadores sociais a questão da gravidez na adolescência.

Nosso projeto se baseia, num curso, em duas edições, para 100 professores e educadores sociais, com a temática dos direitos sociais da juventude, com o eixo gravidez na adolescência. Ao final desse trabalho, apresentaremos um vídeo e uma cartilha pedagógica que falem da temática abordada.

No início de 2007 começamos a pensar a grade curricular do curso e o contato com os facilitadores e facilitadoras desse curso, além de colocar como exercício laboratorial para o nosso Grupo de Economia Solidária Projeto Aprendiz (comunicação alternativa) a produção dos materiais finais, com o acompanhamento de três educadores em específico.

Refletimos, na equipe de coordenação do curso, as temáticas e tipos de abordagens que seriam apresentadas nesse curso. Contatos feitos, currículo aprovado, material de divulgação na rua... Fomos em frente.

De início, para a primeira edição combinamos com a Secretaria Municipal de Educação, que abriríamos um maior número de vagas para o município, para então, na segunda edição, fazer isso com as escolas estaduais presentes no município. Assim que a divulgação iniciou, tivemos 63 inscritos. No primeiro encontro apareceram 38 participantes. E assim o grupo foi diminuindo até

estarmos nos 20 participantes. Ainda não concluímos a primeira edição, já temos 60% do curso realizado (na época desse relato).

Claro que com essas condições começamos a nos questionar: será que é por que estamos realizando aos sábados? Será que é por que acontecem os encontros na Universidade? Ou será que os professores se promovem com as inscrições e depois deixam de lado? Mas isso não foi o mais complicado.

O curso de formação para educadores, do Projeto “Os Direitos Sociais da Juventude”, gratuito, com ênfase na Educação e Gravidez na Adolescência, tem como objetivo capacitar educadores da rede pública de ensino para o acompanhamento e discernimento de jovens na educação formal e não-formal sobre sexualidade. No cronograma desse curso, estão dez etapas: a) afetividade e sexualidade dos jovens e adolescentes e suas interfaces nos relacionamentos com os educadores; b) políticas públicas para a juventude: medidas sócio-educativas e a escola; c) adolescência, juventude e corporeidade: gravidez na adolescência; d) a arte como expressão da adolescência e juventude; e) juventude e adolescência no currículo da escola; f) adolescência, juventude e mídia; g) conjuntura juvenil leopoldense; h) juventude e adolescência no cinema e literatura; i) experiências bem sucedidas no acompanhamento juvenil e de projetos sociais voltados à adolescência e juventude; j) projetos com adolescentes na escola e gravidez na adolescência: prevenção e educação.

Iniciamos o curso em 14 de abril. O grupo participante nos parecia um tanto comprometido e a fim da discussão. Mas os encontros foram passando.

Até que chegamos no 5º encontro desse curso. Era a nossa carta maior, um educador vindo de Campinas, com toda a experiência em educação popular e com sua simplicidade e sensibilidade, chegou com toda a felicidade para entender que ONG era essa que havíamos criado, afinal nos conhecemos em “outros carnavais”, mas ele sabia de nossa existência, desde 2005, e também conheceria o grupo com o qual trabalharia naquele dia.

Pois iniciamos os trabalhos, apresentamos o educador e assim o grupo foi se apresentando. Ele, a partir das apresentações, fez uma reflexão breve sobre a temática e disse que a partir daquele momento faríamos um pacto: a todas e todos que chegassem posterior a esse momento, nós, como grupo, daríamos um jeito de colocar essas pessoas a par do que estávamos fazendo, para que ninguém ficasse sem entender processo algum.

Em tempo, a semana anterior, havia sido para mim, uma semana de muitas reflexões existenciais em torno das relações entre as pessoas, me questionando por que o dinheiro era mais importante, que concepções existem em nosso grupo de trabalho na ONG, por que é tão difícil no mundo de hoje, colocarmos as pessoas na frente de outras questões que vêm como consequência...

Bem, o educador continuou sua reflexão e disse que gostaria muito de terminar aquele dia, aquele sábado, falando de educação e sensibilidade. Iniciaríamos falando de educação e gravidez; depois de educação e sexualidade;

em seguida de educação e sensualidade e enfim, de educação e sensibilidade, mas ressaltou que isso dependeria mais do grupo do que dele.

Nesse meio tempo, chegam três participantes, duas professoras e uma educadora social, vinda do movimento Hip Hop. Essa última entra na sala, de pés descalços, ou melhor, somente de meias, num dia muito frio, com um vestido bonito e um casaco branco. Entra, sorri, cumprimenta a todos, pede licença e senta-se. O educador, sem perder sua ternura, olha para ela e diz “como você está linda!”. E pergunta ao grupo: “o que combinamos?”. O grupo silenciou. Estavam assustados de certa forma. Mas uma outra educadora olhou para a educadora que chegou e disse: “combinamos que iríamos contar para os que fossem chegando o que está acontecendo, e assim queremos falar para vocês...” No mesmo instante, a educadora, diz: “não é necessário, eu sei o que acontece” e vai até a lousa da sala de aula.

Chegando lá, ela escreve primeiramente FEEVALE e UNISINOS. Duas universidades da região. Mas ressalta na primeira a palavra FÉ e na segunda UNI. E a partir disso, com os pés no chão, literalmente, e segurando um livro chamado Evangelho segundo o Espiritismo, com um terço no meio, vai falando de coisas da vida e de vida. E continua a escrever no quadro outras palavras, nomes de pessoas marcantes e vai fazendo o mesmo com essas palavras, dando vida a todas elas, juntando letras, fazendo conexão entre uma e outra...

O grupo ficou quieto. O educador foi perguntando questões sobre educação para o grupo, que tentava responder, mas a educadora, na lousa,

também respondia, lucidamente. E nós, coordenação desse curso, deixamos que ela estabelecesse a conexão que queria com o grupo. Até que ela mesma disse, que ali, ela estava segura e que poderia falar porque confiava naquele grupo. Foi então, que tomamos a atitude de deixá-la desabafar da sua forma e o educador (convidado) continuou seu trabalho a partir do que ela apresentava. O grupo se sentiu incomodado.

Até que num determinado momento, ela grita “obra, abra, céu”, vindos de “cobra, cabra e Marcelo” (este último pai de seu filho Bruno, de dois anos). Nesse percurso, paramos os trabalhos, fizemos um intervalo, para entender o que acontecia com ela. A educadora que iniciou a fala com ela chegou mais perto e a abraçou. Nós, da coordenação, ficamos ao lado ajoelhados, próximos a ela, conversando, perguntando outras questões e o educador se ajoelha na frente dela. Ela ergue a cabeça, olha para ele e diz: “você é o caos, você me abandonou Carlos, você não é padrinho”. O educador foi explicando que poderia ser parecido com o padrinho dela, mas tinha outro nome e queria conversar com ela.

Então, ela nos contou o que havia acontecido. Ela havia sido demitida. Tinha o sonho de prestar vestibular e fazer o curso de pedagogia numa das universidades apresentadas anteriormente. Mas com a demissão, trabalhava como cozinheira, num bingo. E havia, na sexta-feira, ido buscar em Porto Alegre sua indenização. Resolveu, naquela noite, ir ver seu filho, que está sob os cuidados do pai, que não compreende o que é guarda compartilhada e queria

pegar o menino e fugir com ele, mas não tinha premeditado nada, essa era uma vontade de tempo, por não poder ver seu filho sempre que desejasse.

Enquanto ouvíamos a história toda, alguns educadores começaram a procurar pessoas que pudessem conhecê-la e nos explicar onde morava, para que pudéssemos levá-la para casa. Ninguém se dizia conhecido ou parente. Começamos a ficar implicados com isso tudo. Até que conseguimos o número do telefone de um jovem do movimento Hip Hop que a conhecia e nos explicou que a situação dela era bem complicada. Que a mãe não queria vê-la, porque ela engravidou com 17 anos; que a avó (por parte do pai de Bruno), só cuidava dele, porque recebia para isso, entre outras coisas... Mas nos explicou onde morava. Entre tudo isso, o educador convidado continuou o trabalho com o grupo e nós ficamos cuidando dela, fora da sala, para atendê-la com mais tranquilidade.

Chegando a hora do almoço, conseguimos um carro emprestado e fomos acompanhando-a até o mesmo para levá-la. Quando dissemos que iríamos levá-la para casa, ela começou a bater em todos nós, dizendo que não queria ir, queria ficar ali, pois ali ela estava segura. Fomos tentando acalmá-la e explicando que ela precisava descansar. Nisso ela pede para ir ao Centro Espírita. O grupo de educadores acompanhou-a, enquanto eu voltei para acompanhar o grupo e o educador. Eles ficaram com ela, até que conseguiram levar para casa, já era 16h30min.

Fomos almoçar. Quando retornamos, chegaram três professoras que não estavam pela manhã e já sabiam do acontecido e os jovens do Grupo de

Economia Solidária que estavam fazendo o registro geral da atividade. Aguardamos até às 15h. Ninguém mais apareceu. Aquilo doeu em mim. A indiferença do grupo com o caso acontecido, com o próprio facilitador do encontro e com o curso num todo.

Agrediu-me. Senti como se não houvesse mais humanidade. Fui com o educador até a casa de um amigo. Ele tentava me acalmar, pois aquilo havia sido a gota d'água para a semana. Conversamos muito, nós três, aguardando o outro colega coordenador, que retornaria de uma aula que teve que ministrar. Mas resolvi levar o convidado a conhecer a sede da ONG, enquanto isso ia me perguntando:

- a) Será um motivo religioso, afinal ela entrou com um evangelho segundo o espiritismo e um terço no meio, próprio da religiosidade popular?*
- b) Será que esse grupo está a fim somente do certificado de 70h no final do curso?*
- c) Será que esse mundo de desumanização que vivo, ainda precisava me mostrar isso?*

Bem, chegamos no bairro Arroio da Manteiga, vila aonde se localiza a sede da Trilha Cidadã, nossa ONG. Tínhamos colhido muitas bergamotas na casa de meu amigo. Estávamos cheirando a bergamota. Cítrica. Assim como tinha sido a educadora em relação ao grupo e que deixa marcas, no caso da bergamota: o cheiro, no caso dela: o cheiro da realidade, da vida de periferia que tem São Leopoldo e outras cidades desse nosso imenso Brasil.

Descemos do carro. O educador convidado olha para mim e diz: menina mande isso, fotos disso tudo que estão fazendo para o “crioulo” (referia-se ao Ministro Gilberto Gil), é isso que ele quer ver como cultura do povo. Nossa ONG trabalha com arte e comunicação, além de programas governamentais, ligados ao Ministério do Trabalho e Emprego. Aquela fala fez surgir de mim um sorriso.

Entramos. No local estava acontecendo um retiro para 45 adolescentes da paróquia a que pertencemos e contribuimos no acompanhamento à pastoral da juventude e à pastoral catequética. Ele observava tudo. Desde as pedras com que são feitas as paredes da casa, até aquela gurizada correndo, durante o intervalo do lanche, à tarde. Fomos conhecer a casa toda, onde funcionam mais três outros centros/projetos. Quando chegamos ao terceiro andar da casa, inacabado, por falta de recursos e de onde podemos enxergar todo o bairro, ficamos ali, falando do acontecido, afinal, aquilo para mim tinha sido uma profunda falta de respeito com tudo.

Aí, eles me perguntaram o que tínhamos feito com o grupo desde o início do curso. Fui respondendo, no primeiro encontro, trabalhamos a questão da psicologia e a escola e foi desmontando vários tabus que são colocados aí, além de colocar os professores e educadores em diferentes papéis sociais, e do educador daquele encontro trazer sua experiência na África, em Mangunde, onde trabalhou diretamente com educadores e foi perseguido por isso, tanto pelo governo como pela Igreja. No segundo encontro, as enfermeiras, falaram sobre toda a questão do corpo no processo da adolescência, os desejos, as

descobertas, as vontades, abrindo o jogo mesmo, mostrando todos os métodos contraceptivos, assim como falando que nas escolas se esconde esse tipo de informação, mas que não adianta, precisamos falar disso abertamente, para que os adolescentes e jovens possam criar confiança e referência, o que faz falta nesse mundo. No terceiro encontro, a presidente da FASE no RS, abriu o jogo de como as coisas acontecem nas medidas sócio-educativas com os adolescentes e jovens em regime de “prisão” e de como a escola não consegue ser educativa e referência para esses jovens, a não ser referência para a agressividade, para o desenvolvimento de ações impensadas de violência. No quarto encontro, os educadores convidados levaram os professores e educadores, da Universidade ao Arroio da Manteiga, saíram do centro da cidade ou da cidade universitária e foram para a vila, num ônibus caindo aos pedaços, cheio de buracos, entrando vento por tudo, e as professoras cuidando de suas bolsas e etc e tal. Mas tendo que responder questões sobre a cultura e a contracultura e no encontro seguinte, esse sábado, com a vida da educadora, ali, exposta...

E aí, os dois me olharam e disseram: vocês estão fazendo eles viverem experiências que não se faz num curso de formação para educadores. Afinal, estão acostumados a ter palestras e ficar sentadinhos nas cadeiras cômodas, e se não precisar, nem falam. Aí perguntei: será que ela não é o reflexo dos adolescentes e jovens com que eles trabalham? Afinal, as escolas onde eles

estão, são as da periferia da cidade. E como eles humanizam essas relações? Eles ouvem, vêem, sentem esses jovens e adolescentes?

A bergamota continua a cheirar. A realidade também. E eu mais agredida ainda, achando que pelo menos aqueles professores poderiam ser diferentes da maioria que eu conheço. O discurso é lindo. De educação popular mesmo. Mas e a tal da prática? Onde ela está?

Descemos, chegamos na sala da coordenação, na sede, e aí a conversa, a partir dos meninos, já tinha tomado rumos enormes. Mas explicamos, objetivamente o que havia acontecido e não expusemos ainda mais a situação. Até para respeitar os próprios meninos que lá estavam. Nisso, uma colega, vem e me mostra que um projeto nosso sobre Arte pela Paz, havia sido aprovado. A minha reação foi sorrir e nisso recebo um abraço aconchegante do educador de Campinas, dizendo: “viu, parabéns!”.

Ele deu muitas idéias, nos colocou na pauta das agendas de muitas pessoas conhecidas e isso foi me tranquilizando por alguns instantes. Até a situação me arrebentar novamente. Fomos embora. Voltamos para casa de meu amigo e esperamos o outro coordenador chegar. Aí contamos tudo o que houve depois da saída dele. Ele, psicólogo, com experiências de educação popular e com a experiência, ainda de pele, da África, olhou para mim e disse: “Keka, tu não vai escrever nada essa semana para o grupo, deixa para conversarmos no próximo sábado”. Disse tudo bem. Até porque ainda não tinha assimilado nada, não conseguiria escrever.

No domingo, marcamos para almoçarmos juntos, antes do educador voltar para Campinas. O almoço foi bom. Entendi várias outras coisas. Mas aquilo ainda me doía. Estava somando com toda a questão da semana, as pessoas não se importam mais com as outras pessoas, com suas realidades, seus sofrimentos, seus desejos, suas vidas, seus sonhos...

No sábado seguinte, ninguém falou nada. Até que no intervalo, uma das professoras me procurou e falou, que o grupo resolveu ir embora, porque acharam que o sábado estava perdido. Aí perguntei o que para elas era mais importante naquele momento: fazer a diferença, sendo pelo menos escuta de alguém que precisava, ou voltar para o seu mundo cômodo, onde acham que o conhecimento, a vida só se adquire através dos livros. E continuei. O sábado iniciou com educação e sensibilidade e pudemos perceber quem realmente estava a fim de levar isso adiante. Elas ficaram me olhando. Não estavam entendendo minha indignação. Até que outra continuou e disse: achamos que vocês iriam leva-la para o hospital, mas ninguém fez nada... Tive que rir. Perguntei o que era “não fazer nada”, se era a coordenação tirá-la da sala, porque ela estava “surtando” e assim não atrapalharia a palestra do facilitador... ou se elas conseguiram entender que o que fizemos foi respeitar o sentimento que ela tem por nós.

Aquela educadora não veio nesse último sábado. Ainda não temos notícias dela, terminei. Mas o curso continua, no sábado o dia todo, até às 17h. Aí várias vieram com problemas relacionados aos filhos e etc e tal. Aí perguntei:

vocês podem ser mais sinceras? Digam que a tarde vocês não conseguem ficar aqui num sábado. É melhor, assim podemos modificar a modalidade do curso e não nos frustramos tanto.

E lendo os textos desse curso, fui me perguntando, que movimento é esse? Que humanização da educação é essa? Que mundos estão ajudando a construir? Do que adianta tantos projetos para diminuir a violência e a criminalidade, se não temos quem nos ouça, nos dê atenção, a quem podemos dizer que temos referência, confiança, valores...

O grupo de economia solidária refletiu sobre isso. Fez bem ao grupo essa sensação. Afinal, a crise deles de exclusão passou, pelo menos por um tempo. Mas eles perceberam qual é a nossa intenção. Não mudamos a proposta pedagógica do curso e nem vamos alterar. Queremos que as pessoas vivenciem experiências novas e que consigam cuidar uma das outras. Isso é humanizar e não roubar a dignidade e a confiança das pessoas”.

Com esse relato quero retomar a “bergamota”. Às vezes pedimos que os outros descasquem a fruta para nós. Quantas vezes a sociedade pede para que as escolas, as organizações, entre outras façam o trabalho por ela para que não fique o cheiro nas mãos, mas sim o gosto de ter, de alguma forma, degustado de tudo aquilo que a fruta pode oferecer.

Educar é descascar a bergamota com todos os dedos das mãos, de preferência debaixo ou perto do pé da mesma... É ter a sensibilidade de perceber em que realidade está colocada essa árvore, em que tempo ela

floresce, dá frutos, descansa... Mas que continua vivendo, porque tem quem se preocupa com ela.

A diferença está entre sentir no corpo a necessidade do outro e não só a minha. Está em olhar para o outro como olhar para mim... É cuidar, cultivar, viver cada momento, cada estação, com tudo o que ela tem a oferecer, por menor que seja esse tudo...

Capítulo 2 – A ONG TRILHA CIDADÃ

"Assovia o vento dentro de mim. Estou despido. Dono de nada, dono de ninguém, nem mesmo dono de minhas certezas, sou minha cara contra o vento, a contravento e sou o vento que bate em minha cara".

(Eduardo Galeano)

1.1 Histórico

A Associação de Promoção Humana e Cidadania Juvenil – ONG Trilha Cidadã teve seu registro jurídico em fevereiro de 2006. Mas desde 2003, algumas pessoas sonhavam com ela.

A partir de 2003 alguns agentes, pastoralistas, preocupados com a sua continuidade no trabalho com adolescentes e jovens, resolveram estudar de que forma poderiam continuar contribuindo na formação de sujeitos da história sem estar ligados diretamente a alguma estrutura pastoral. A partir desse sonho comum, esse grupo começou a estudar qual seria a melhor forma: cooperativa associação...

Algumas pessoas desse grupo estavam em situação de desemprego e, portanto, seria uma boa oportunidade iniciar um novo trabalho, por haver por parte de alguns disponibilidade quase integral para o serviço.

O processo foi lento, difícil e quase houve desistência do sonho. Em meados de 2004, o grupo reformulado, resolveu levar em frente a proposta e em dezembro desse mesmo ano, nasce a Trilha Cidadã. Optou-se por um tempo de trabalho sem registro oficial para que pudéssemos perceber se estávamos no caminho certo. A proposta que vingou foi de que o primeiro ano fosse esse tempo de “definição”.

Não existia sede para o trabalho acontecer. No entanto, conseguimos um espaço para esse primeiro ano, em São Leopoldo, no bairro Arroio da Manteiga. Lá iniciamos alguns projetos junto da Associação que abrigou a Trilha Cidadã, a ADEPH – Associação de Difusão do Evangelho e Promoção Humana.

Tendo o local para iniciar o trabalho, o grupo começou a desenvolver algumas ações, ainda voltadas ao campo pastoral, pois essa foi uma das definições, que não deixaria de acompanhar as Pastorais da Juventude, raiz desse grupo todo. Ao mesmo tempo iniciou um processo de construção de novas parcerias, principalmente com o poder público local.

Em relação à questão financeira conseguiu-se, via ADEPH, um projeto junto a Adveniat, para os trabalhos pastorais junto às juventudes. Esse recurso garantiu o primeiro ano, para o qual foram disponibilizadas apenas duas pessoas para o trabalho no dia a dia, um secretário e uma gestora.

A partir da parceria com o poder público foi-se desenvolvendo uma imagem muito positiva do trabalho realizado, até porque no município não existia, até então, outra organização que tivesse como público-alvo a juventude. Havia

instituições com o olhar para a criança e o adolescente, a mulher, o negro e assim por diante.

Também no primeiro ano foi realizada uma pesquisa em parceria com a Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, sobre o perfil da juventude leopoldense, coordenado pelo Observatório Juvenil do Vale, uma pesquisa que fazia parte de outra de nível latino-americano. O grupo da Trilha Cidadã garantiu os pesquisadores e a preparação dos mesmos. Foram aplicados 704 questionários no município de São Leopoldo, partindo dos bairros e escolas, com grupos focais próprios para a pesquisa. Cada questionário levava em média 1 hora para ser respondido.

No ano seguinte, já com algumas estruturas firmadas, a Trilha Cidadã, junto da ADEPH (por tempo de existência e pela documentação necessária), entrou no conjunto das instituições que executariam a capacitação para os jovens do Consórcio Social da Juventude e, meses depois, o Projeto Juventude Cidadã, os dois ligados ao Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego.

Junto disso, em 2006, continuavam as assessorias com as Pastorais da Juventude e os cursos promovidos pela Trilha Cidadã, assim como a idéia de garantir um grupo de jovens que pudesse, na sua área de capacitação, a comunicação, desenvolver uma cooperativa prestadora de serviços.

Em 2007 o ano foi de certa forma mais calmo na questão dos projetos governamentais, o que também exigiu diminuir a equipe operacional, que iniciou, em 2005 com duas pessoas, passando a ter 10 pessoas em 2006. Um processo

difícil, pois além da vivacidade que esses projetos deram à Trilha Cidadã, também sustentou por um período uma equipe técnica muito boa, na esperança de que outros surgissem logo. A equipe se manteve, mas quando se observou que demoraria mais do que se pensava, resolveu-se diminuir. Isso registrou também um grande problema financeiro.

Mas em meio a tudo isso a Trilha Cidadã que foi se construindo, sempre observando sua missão e seus princípios definidos ao longo de sua ideação. A formulação da missão é a seguinte:

- Ousamos acreditar que a juventude carrega em si a semente da novidade e da transformação da realidade que vive.
- Desejamos ver na sociedade a pessoa reconhecida como um todo e não como fragmento.
- Insistimos na teimosa resistência de viver com dignidade, respeito e solidariedade valorizando a diversidade presente em nossa sociedade.
- Valorizamos e acreditamos que as diferentes manifestações do mistério e do sagrado na sociedade contribuam para a criação de novas relações no mundo.
- Gostamos de interagir com as diferentes linguagens presentes na vida, através de expressões artísticas, lúdicas e culturais, no desejo de ver a novidade acontecendo entre nós.

Como princípios distinguimos princípios sociais, princípios de vida e mística dos princípios:

a) Princípios Sociais

- é de fundamental importância o protagonismo juvenil tendo como alicerce a sua identidade e suas atitudes de vida plena;
- a inculturação como exigência para a verdadeira educação popular, responsável pela construção de novos sujeitos sociais;
- a opção pelo trabalho junto aos empobrecidos, em especial a juventude, que carrega em si a possibilidade de mudança em suas realidades;
- o respeito à diversidade das manifestações que a juventude apresenta através do seu jeito de ser e viver;
- os grupos sociais, onde os jovens se encontram como espaços para o crescimento, aprendizado coletivo e do caminho para a felicidade, através da conquista de seus direitos;
- a mobilização organizada das diferentes forças juvenis presentes na sociedade como descoberta da participação e de mudança da realidade;
- o papel de educadores sociais que acompanham as organizações juvenis e contribuem na formação e orientação de vida dos jovens.

b) Princípios de Vida

- o projeto de vida como resgate da memória e elaboração da caminhada pessoal em vista da realização individual e coletiva;
- a vida saudável dos jovens que sabem dizer não às realidades de morte e que optam pelo encanto da vontade de viver;
- o respeito e igualdade nas relações de gênero, étnicas e culturais necessárias para concretizar a paz e a solidariedade;

- a família como fundamento estruturante na vida das pessoas, em especial da juventude, responsável pelos valores essenciais para a coletividade;
- responsabilidade pelas questões ambientais e ecológicas no desejo de ver acontecer a qualidade de vida de todos e em tudo.

c) Mística dos princípios

- a mística cristã que alimenta toda a caminhada das pessoas ao encontro do outro e fortalece a utopia de uma nova sociedade;
- a mística do cuidado como fundamento para compreender a vida na sua plenitude, dignidade e beleza, responsabilizando-se com os mais empobrecidos;
- a mística do mutirão como princípio básico de organização que valoriza a participação e a contribuição de todos;
- a mística do afeto como princípio de zelo nas relações interpessoais necessárias na transformação da sociedade;
- a ética como mística do testemunho e coerência no exercício das responsabilidades sociais e pessoais, como princípio fundamental do nosso modo de agir e de organização⁶.

É dessa forma que está sendo construída a história da Trilha Cidadã tendo em seu berço duas linhas bem claras de trabalho: acompanhamento às pastorais de juventude e ações junto à juventude urbana.

1.2 Projetos desenvolvidos pela Trilha Cidadã

Iniciamos, como instituição, em 2005, embora já fizéssemos, anteriormente, trabalhos semelhantes, mas como agentes pastorais e sociais.

Realizamos diversas atividades:

- Curso para Educadores e Educadoras de Jovens – 4 etapas – 20 participantes.
- Curso de Metodologia para Trabalho com Jovens – 4 etapas – 30 participantes.
- Aplicação da Pesquisa “Discursos à Beira dos Sinos – a emergência de novos valores na juventude: o caso de São Leopoldo” – em parceria com o Observatório Juvenil do Vale do Instituto Humanitas da Unisinos (Universidade do Vale do Rio dos Sinos), com a Rede Latino-Americana de investigadores em Juventude e com a Coordenadoria Municipal da Juventude. Pesquisa essa, publicada pela Unisinos, em 2006, nº 18, dos Cadernos IHU.
- Acompanhamento às Pastorais de Juventude da Diocese de Novo Hamburgo, da Arquidiocese de Porto Alegre, dos Regionais Sul 3 e Sul 4, além do acompanhamento à rearticulação da Pastoral Universitária no sul do Brasil.

Em 2006:

- Curso sobre Realidade Juvenil Urbana – 4 etapas – 23 participantes.
- Execução dos cursos de Comunicação Alternativa e Atendimento ao Público, do projeto Consórcio Social da Juventude, do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego, do Governo Federal. Esse, em virtude do tempo de

⁶ Fonte: folder institucional da ONG Trilha Cidadã.

existência, fizemos em parceria com a Associação de Difusão do Evangelho e Promoção Humana – ADEPH, de São Leopoldo, tendo como entidade âncora a Escola Mesquita de Porto Alegre. – 5 meses de qualificação sócio-profissional – 50 jovens – 2 meses para inserção no mundo do trabalho.

- Acompanhamento ao Planejamento Estratégico e Tático da Coordenadoria Municipal da Juventude (São Leopoldo).
- Acompanhamento às Pastorais da Juventude dos regionais Sul 3 e Sul 4.
- Composição na Comissão Nacional de Assessores e Assessoras da PJ Nacional.
- Execução do curso de Comunicação e Marketing Social, do projeto Juventude Cidadã, também do Programa Nacional de Estímulo ao Primeiro Emprego, do Governo Federal, ainda em parceria com a ADEPH e tendo a Prefeitura Municipal de São Leopoldo como entidade âncora do projeto. Foram 92 jovens sócio-qualificados em 5 meses e 4 de inserção no mundo do trabalho.
- Acompanhamento do Movimento “Um Milhão de Histórias de Vida de Jovens”, promoção do Museu da Pessoa (São Paulo) e da ONG Aracati (São Paulo).

Em 2007:

- Projeto Arte pela Paz. Parceria com o Ministério da Justiça e com a Secretaria Municipal de Segurança Pública no Projeto Prevenção. Aconteceram 4 oficinas: grafite, fanzine, audiovisual e fotografia e 3 grupos de arte: teatro, música e dança. Esse projeto aconteceu de Janeiro a Maio de 2007. Hoje sua

continuidade, desde junho até dezembro, é em parceria com a Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE.

- Grupo de Economia Solidária – Projeto Aprendiz (GESPA). Parceria com o Grupo Hospitalar Conceição (que financia ½ salário mínimo e encargos sociais, mais alimentação e vale-transporte para 20 jovens) e com a Escola Mesquita (supervisiona a qualificação profissional), através da Lei Aprendiz. Acompanhamento da Unisinos, do setor de Tecnologias Sociais – Incubagem, através do Ministério do Desenvolvimento Social. Esse grupo permanece conosco de segunda a sexta-feira, todas as tardes, com qualificação na área da comunicação e na gestão de empreendimentos solidários.
- Projeto “Os Direitos Sociais da Juventude”. Curso sobre Educação e Gravidez na Adolescência, em parceria com o Ministério da Educação – SECAD, tendo como produto final, um audiovisual sobre a temática e uma cartilha para trabalhos pedagógicos nas escolas. Serão atingidos em média 100 professores da rede de ensino público do município e educadores de projetos sociais.
- Projeto Paz-Ciência na Vida. Também em parceria com o Ministério da Justiça e a Secretaria de Segurança Pública. Tendo como eixo de trabalho a formação de jovens multiplicadores, chamados Promotores da Paz, que tem formação na área da Promoção da Paz e da Cultura da Não-Violência, formando grupos nas escolas das oito regiões do orçamento participativo do município, garantindo o envolvimento de no mínimo, 240 adolescentes.

- Movimento Cidade Juventude. Um festival de artes que acontece na cidade de São Leopoldo, 2ª edição. Projetado para o festival de artes, para o fórum de debates sobre juventude e políticas públicas, e a feira de economia solidária.
- Acompanhamento às Pastorais da Juventude, nas instâncias citadas anteriormente.
- Acompanhamento ao Movimento Um Milhão de Histórias de Vida de Jovens, com foco no Plano Nacional da Juventude, em votação no Congresso Federal.
- Acompanhamento do projeto Jovens de Futuro, da Rede Klabin.

Em todo esse período é importante destacar que a ONG teve várias assessorias prestadas tendo relação com adolescentes e jovens, nas áreas de cidadania, realidade juvenil, metodologia, planejamento.

Trabalharam conosco, nesse período, cerca de 30 educadores, em diferentes funções. Também em 2006, um dos gestores fez experiência na África, em Mangunde, na área da educação.

1.3 Gestão social

Considerando que “a gestão social se constitui como conjunto de processos sociais que contribui para a viabilização do desenvolvimento societário emancipatório e transformador, fundado nos valores e práticas da cidadania e da democracia” e que “esses processos construídos através de práticas, organizações

e políticas sociais introduzem novos desafios e possibilidades de pactuação entre agentes da sociedade civil, da sociedade política e da economia”, a gestão social “aponta perspectivas de superação das diferentes expressões da questão social e da afirmação dos direitos humanos universais, assim como da consolidação dos espaços e interesses públicos como padrões de uma nova civilidade”⁷.

A gestão da Trilha Cidadã se dá de forma democrática e participativa, no anseio de construir melhores formas de gerenciamento e processos, mas nem sempre há consenso na forma de gerir a organização. Às vezes, o olhar sobre o mundo diferencia a concepção que cada um tem da organização em questão. Sempre há a necessidade de garantir o consenso, mas muitas vezes, no dia a dia isso acaba sendo esquecido, influenciado pelo jeito que o mundo projeta e traduz tudo que se revela frente à economia e à gestão de processos. Nem sempre nos damos conta das pessoas envolvidas nesse processo. Isso não pode estar sujeito a “pequenas conversas” ou em indiferenças entre o grupo para garantir o melhor para a organização.

Em muitos momentos há certa abstenção de algumas decisões por parte de algum dos gestores. Nenhum foge à regra. Sempre há alguém que se coloca de maneira mais vitimizada no processo de gerenciamento da ONG. Há, contudo, igualmente, aqueles gestores que colocam o que tem de disponível para manter a ONG e seu trabalho, seja recurso financeiro, material ou humano.

⁷ MAIA, Marilene. Práxis da gestão social nas organizações sociais – uma mediação para a cidadania. Tese de doutorado. Porto Alegre. PUCRS, 2005.

Como se pode ver, estamos em fase de crescimento e de amadurecimento, inclusive da gestão social da organização, que se constitui no processo de formação dos seus gestores, tanto no plano individual, quanto coletivo e societário.

Capítulo 2 – Educação Popular e Sensibilidade

“É na minha disponibilidade à realidade que construo a minha segurança, indispensável à própria disponibilidade. É impossível viver a disponibilidade à realidade sem segurança, mas é impossível também criar a segurança, fora do risco da disponibilidade”.

(Paulo Freire).

2.1 Educação Popular

Através de uma conversa entre Paulo Freire e Adriano Nogueira que transformou num livro intitulado “Que fazer – teoria e prática em educação popular” (Vozes, 1991), o “provocador” Adriano diz a Paulo que “entendo a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso *poder*, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em uma primeira “definição” eu a aprendo desse jeito. Há estreita relação entre escola e vida política”.

Optamos pela prática da educação popular por perceber que ela é fundante no trabalho que realizamos nesses últimos anos. Trabalhar na sociedade civil de forma séria e transparente exige revisitar nossos princípios fundantes quase que diariamente. Essa metodologia dá sustentação à proposta

de gestão social, que consideramos coerente com a missão e propósitos da Trilha.

Na ONG é perceptível a necessidade de um relacionamento com as pessoas, enquanto espaço e condição de vivência da educação popular junto aos jovens e adolescentes, assim como com as pessoas que com eles atuam.

Diariamente a disponibilidade de algumas pessoas é colocada em “xeque”. Nem sempre o que é planejado é suficiente garantia para que tudo saia conforme pensado. Às vezes, exige mais tempo, mais produção teórica, mais diálogos, mais compromissos. Isso sem contar nas inúmeras maneiras que os jovens encontram para dizer que precisam conversar.

Temos experimentado por este tempo de trabalho na Trilha como gestora uma enorme solicitação dos jovens para a conversa. E nos últimos tempos isso tem sido um questionamento pessoal, a procura por conversar comigo é por quê? Não existem outras pessoas na organização? É o relacionamento colocado? É por estar mais tempo próxima deles? Por parecer menos disciplinadora que os colegas? Para quem vem do meio pastoral, sabe que a história é importante e a paciência histórica ainda mais.

A pergunta é: qual o foco do nosso trabalho mesmo? Não seria preciso retornar à caverna para perceber quais eram de fato os sonhos que tínhamos no tempo da escuridão, quando somente brincávamos com as sombras causadas pela claridade?

Retomar, inclusive, a pedagogia da conquista que inicia com o olhar, com a significação desse, com a troca de olhares, com a aproximação, com o diálogo corporal e verbal... Até chegar ao acordo do que se pode fazer conjuntamente. Isso exige respeito, escuta, sentimento, reciprocidade, paciência, essência... A questão que se formula é: Como garantir este movimento e a viabilidade da Organização, ou seja, o cumprimento das demandas administrativas indispensáveis para seguir caminho? Este é um questionamento sempre presente na equipe gestora e que apresenta-nos também um tensionamento. Chegamos a nos indagar se esta tensão não é um indicador que a Trilha não está bem.

Existe o contato com tantas outras organizações que trabalham com adolescentes e as suas avaliações sobre o trabalho da Trilha Cidadã são muito variadas, mas todas positivas. Aí se pergunta: por que para a ONG nada está bem e para os outros o nosso trabalho é diferencial? Várias foram as hipóteses levantadas, mas consideramos que o “motor” da Trilha está no compromisso ético dos seus gestores com a juventude. Ela é sujeito principal do processo. Como agentes de transformação, respeitando o processo, a vontade e o limite de cada um e de cada uma, não se quer que continuem sendo vítimas, mas que se vejam como possibilidades de cidadãos melhores, capazes, felizes... Talvez nas outras organizações possa existir isso num educador ou noutro, mas não como um processo pedagógico e de gestão da mesma.

Entende-se que essa relação vem da vivência pastoral e familiar, onde passamos por processos diferenciados e não menos conflituosos, o que também constrói a organização que fazemos referência. Ou seja, reconhecemos que a tensão e a contradição como constitutivas dos processos educativos e de gestão.

2.2 Sensibilidade

*“Sei de onde venho! Insatisfeito como labareda ardo para me consumir.
O que toco torna-se luz, carvão quando abandono: sou, com certeza, labareda”.*

(Nietzsche)

O mestre Paulo Freire disse que “para mim, a realidade concreta é algo mais que fatos ou dados tomados mais ou menos em si mesmos. Ela é todos esses dados e mais a percepção que deles esteja tendo a população envolvida” (Freire, 1990, pg. 35).

O questionamento refere-se aos novos parâmetros de análise e intervenção utilizados, hoje, na realidade. Será que somente os índices, os números, as leituras negativas nos fazem enxergar a realidade? É preciso sentir no dia-a-dia, é ser pele com pele, escuta, sabor, olhar no olho, cheirar o perfume que vem de cada um e de cada uma...

Não há dúvida que a humanidade se sensibiliza com tragédias que aparecem na TV, esquecem, contudo, os milhões que morrem de fome em todo

o mundo, os que sucumbem ao HIV, aqueles que não suportam a tirania do sistema e, por causa de um tal “stress mental”, assassinam a cada pouquinho com remédios contra a depressão ou chegam ao estado de suicidar-se.

Está na hora de sair dos gabinetes e tornar essa luta de sensibilizar e humanizar a humanidade através do que ela tem de mais importante: a pessoa, com tudo o que ela sente, vê, escuta, experimenta, vivencia, adquire, limita-se e se desafia a tornar-se labareda ou carvão...

Quando se fala em educação e juventude, trazendo as linguagens como espelho, transforma... O choque das fotografias contraditórias faz chorar... As letras de músicas antigas e atuais incomodam... Os ritmos também... O silêncio então aparece como ameaçador.

Mas quantos silêncios existem em nosso dia a dia por não quisermos ver, reparar, permitir-nos sentir diferentes cheiros, olhares, sorrisos, abraços, sabores...?

É chegada a hora de desconstruir para construir, conjuntamente. Oxalá, possamos unir forças e não segmentá-las como vemos acontecendo com diferentes movimentos sociais, partidos políticos, pastorais, pessoas...

Conclusão

Esse trabalho não está concluído. Está concluída uma parte dessa reflexão sobre as trilhas que fazem da educação um espaço de sensibilidade e de realidade. Não desejamos romantismos, desejamos poder olhar a realidade como ela é, mas com os olhos de quem se coloca nela, o que nem sempre é fácil de fazer ou compreender.

A vida diária da ONG Trilha Cidadã é complexa. O que sabemos é que, antes da preocupação com a manutenção financeira da mesma, vem o laço que constituímos com os adolescentes e jovens que nos cercam diariamente, revelando novidades, querendo criar novos modelos de vida e assim por diante.

Acreditamos numa sociedade diferente, sabemos que o trabalho não é fácil, entendemos que é preciso recomeçar e revisitar todos os dias a nossa missão, os nossos princípios - o que nem sempre é tranquilo para todos e todas fazerem. Como seres humanos temos a tendência de legitimar muitas de nossas ações como sendo as mais corretas possíveis.

Ousamos trabalhar com diferencial, criando responsabilidades em todos e todas que conosco estão, além, da exigência na qualidade do que fazemos, sendo com três ou cem adolescentes e jovens. Como educadores temos como responsabilidade olhar um horizonte mais amplo, sem viseiras, mas com toda a liberdade que possamos construir juntos.

A vontade é continuar trabalhando com todas essas vidas e outras mais nessa perspectiva que nem sempre é acolhida por todos e não porque não desejam, afinal está no discurso de todos nós, mas na prática de alguns. Nem sempre os mesmos se vêem nessa situação de entrega, de amor incondicional ao que estão fazendo, pesando o desejo de ter suas seis a oito horas de trabalho, com salário garantido. Se é justo, o horário e o salário, também é justo que nos preocupemos com as vidas ali colocadas diante de nós e, inclusive as nossas vidas.

Não existe fórmula mágica que resolva. A transparência, a ousadia, a criticidade, a criatividade, o envolvimento, a participação, a construção conjunta entre outros não são exercícios fáceis de serem feitos ou vividos.

Concluimos que há muito por fazer e acreditamos que estamos caminhando para aprender. É nas reflexões colocadas, nas discussões sendo feitas que vamos trilhando essa nossa recente vida, com muita garra e amor e ao que nos tornam sensíveis sem ser piegas. E assim voltamos a história que contamos no início.

Bibliografia

- ABRAMOVAY, Miriam. Mary Garcia Castro e Lorena Bernardete da Silva. *Juventudes e sexualidade*. Brasília. Unesco Brasil. 2004.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de e Fernanda Eugenio. *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2006.
- ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo, 1982. Editora Cortez.
- ALVES, Rubem. *Conversas sobre Política*. Campinas, SP, 2002.
- BENJAMIN Walter. A obra de arte – Coleção Os Pensadores. São Paulo. 1975. Pg. 15.
- CÁRITAS Brasileira. *Construindo o protagonismo de crianças e adolescentes*. 2003. Brasília. Pg. 08.
- CARRANO, Paulo César. Juventude: identidades são múltiplas In *Movimento*. Juventude, Educação e Sociedade. Revista da Faculdade de Educação Universidade Federal Fluminense – nº. 1, maio de 2000. Rio de Janeiro: DP&A/UFF– p. 11-27.
- EUGÊNIO, Fernanda e Maria Isabel Mendes de Almeida (orgs.). *Culturas Jovens – novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro. 2006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro. 2001.
- FREIRE, Paulo e Adriano Nogueira. *Que fazer – teoria e prática em educação popular*. 3ª edição, Vozes. Petrópolis. 1991.
- GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. Editora Ática. São Paulo. 1993.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 6ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- IHU on-line. *Encontros de ética. Valores e inquietações da juventude*. Outubro de 2006. Edição 202. pg. 46 e 47.
- KÜNG, Hans. *Por que ainda ser cristão hoje? – Tradução* Campinas, SP, 2004, pg. 64 e 65.

- LIBÂNIO, João Batista. A arte de formar-se. Edições Loyola. São Paulo, 2001, pg. 94.
- LIBÂNIO, João Batista. Jovens em tempo de pós-modernidade – considerações socioculturais e pastorais. Edições Loyola, São Paulo, 2004, pg.89.
- MAIA, Marilene. PRÁXIS DA GESTÃO SOCIAL NAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS – uma mediação para a cidadania. PPGSS/PUCRS – Tese Doutorado - Porto Alegre. 2005.
- MENEZES, José Eugênio de O. e Iraci Maria Didoné. Comunicação e Política – a ação conjunta das ONGs. Paulinas. São Paulo. 1995.
- MURARO, Rose Marie e BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro, Sextante, 2002.
- NIETZSCHE, F. Para além do bem e do mal – Nietzsche: obras incompletas. São Paulo. 1996.
- NIETZSCHE, F. A Gaia Ciência. Coleção Os Pensadores. São Paulo. 1996. Pg. 47.
- NOVAES, Regina. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005. p.263- 290.
- ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. In
- ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. São Paulo, ALEPH. 2006.
- SANDOVAL, Mario. *Jóvenes del Siglo XXI – Sujetos y Actores en una sociedad em Cambio*. Santiago: 2002.
- SARAMAGO, José. O Conto da Ilha Desconhecida. São Paulo. 1998. Pg. 62.
- SINGER, Paul. A Juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005. P.27 -35.
- SOAVE, Maria. *A amante, a sábia, a guerreira, a feiticeira – uma poética ecofeminista do Novo Testamento*. São Leopoldo, CEBI. 2002.
- TORNERO, José Manuel Pérez. El Ansia de identidad Juvenil y la educación – Del narcisismo mediático contemporáneo y las estrategias educativas. In. "Viviendo a toda"

Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades. Bogotá – Colombia: Universidad Central, Siglo del hombre Editores, 1998. p 263 – 277

ZAMORA, José Antônio. Construcción de Las Identidades y Religión em la Modernidad Tardía. In *Caminhos: Revista do Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás*. V.2 n.1. p. 87-111, jan./jun.2004. Goiânia: Ed. UCG, 2004.

Prefácio do livro de José Saramago, Ensaio sobre a cegueira. Companhia das Letras. 1995, São Paulo, pg. 10.